

FATEP – FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULO FREIRE  
UNAT - BRASIL – UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS  
ARI MARTINS ALVES

## INTUIÇÃO E ANÁLISE TRANSACIONAL NO HOMEM

### INTUIÇÃO E ANÁLISE TRANSACIONAL NO HOMEM

UBERLÂNDIA-MG

2011

ARI MARTINS ALVES

INTUIÇÃO E ANÁLISE TRANSACIONAL DO HOMEM

INSTITUTO NACIONAL DE ANÁLISE TRANSACIONAL

Brasil

2011

FATEP – Faculdade de tecnologia Paulo Freire

UNAT-BRASIL - União Nacional dos Analistas Transacionais

Brasil

2011

## INTUIÇÃO E ANÁLISE TRANSACIONAL NO HOMEM

Artigo apresentado ao programa de Pós-graduação em Análise Transacional da UNAT – BRASIL - União Nacional dos Analistas Transacionais - em parceria com a FATEP – Faculdade de tecnologia Paulo Freire, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Análise Transacional.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Ede Lanir Ferreira Paiva

Palavras-chave: Intuição, Análise Transacional, Antropologia, Psicologia, Humanismo

ABSTRACT

Intuition has been a theme of interest for many studies of knowledge research. It is a multi-facet of human value. In the field of Transaccional Analysis - T.A. - it has been subject of investigation and studies. In this sense, the particularly concerned in this paper is to discuss the concept of intuition in the context of the psychological knowledge.

UBERLÂNDIA-MG

2011

## INTUIÇÃO E ANÁLISE TRANSACIONAL NO HOMEM

### INTUITION AND TRANSACTIONAL ANALYSIS IN MAN

ARI MARTINS ALVES\*<sup>1</sup>

FATEP – Faculdade de Tecnologia Paulo Freire/DF  
UNAT-BRASIL – União Nacional dos Analistas Transacionais

#### RESUMO

A intuição tem sido tema de interesse de diversas áreas do conhecimento, ao longo do tempo. Ela é uma espécie de visão interna. No campo da Análise Transacional – A.T - ela tem sido objeto de uso contínuo nos estudos e na aplicação, em que nos ocupamos com a teoria de seu criador Eric Berne. Baptista Mondim que trabalha com a Antropologia Filosófica – com as dimensões social/política e cultural, serviu-nos com seu brilhante estudo de como é o homem e como este funciona em suas diferentes dimensões, nos proporcionou os meios de definir o caminho de como chegar a ele, através da intuição. Considerando a importância creditada a este conceito – intuição - tanto como ferramenta para a prática psicológica quanto para a Antropologia Filosófica, o objetivo deste ensaio foi o de explorar teoricamente a questão da intuição para a A.T com as contribuições da Antropologia Filosófica. A escolha por trabalhar com estas correntes teóricas se deu por encontrar uma relativa coerência nas questões da busca comportamental e na estrutura de sua manifestação. Utilizamos de Mondim como caminho para chegar até ao comportamento do homem, e Berne como meio facilitador de seu comportamento. Mondim constrói o caminho para a intuição e Berne nos indica os meios de utilizá-la, ou seja, sua forma de aplicação.

Berne trabalha o Ser do homem, procurando através de uma abordagem comportamental definir como ele funciona. Mondim caracteriza o homem do Ser. Percebemos que o que há em comum em ambas as perspectivas é a utilização da intuição como instrumento de importante auxílio no caminho da definição de quem é o homem. O tema intuição possui novas possibilidades no campo do saber, sendo importante estudá-la como instrumento de investigação sobre a natureza humana.

**Palavras chaves:** Intuição. Análise Transacional. Antropologia Filosófica. Homem.

#### ABSTRACT

Intuition has been a theme of interest for many areas of knowledge through time. It is some kind of intern view. In the field of Transactional Analysis – T.A. – it has been object of continuous use and studies. In this study, we are particularly interested on Eric Berne's writings. Baptista Mondim, who works with Anthropological Philosophy – with

<sup>1</sup>Filósofo clínico – Criador do Método Terapêutico Análise Filosófica - arimartinsa@yahoo.com.br

the social/political and cultural dimensions – helped us with his brilliant study about how man is and how he works on his different dimensions, and provided us with the means to define the way to man, though intuition. Considering the importance credited to the concept of intuition as an instrument both to the psychological practice and to Anthropological Philosophy, this article aimed to theoretically explore the question of intuition for T.A. with the contributions of Anthropological Philosophy. We have chosen to work with these two theoretical guidelines for understanding that there is a relative coherence in the questions for the behavioral quest and for the structure of its manifestation. We have used Mondim as the way to get to man's behavior, and Berne as the facilitator means to his behavior. Mondim builds the way to intuition and Berne points out the means to using it. Berne works with the being of the man, seeking through a behavioral approach to define how he works. Mondim characterizes the man of the Being. We realized that both perspectives use intuition as an important instrument of help on the definition of who man is. This theme has new possibilities on the knowledge field and it is important to study intuition as an instrument of investigation for human nature.

**Key words:** Intuition. Transactional Analysis. Philosophical Anthropology. Man.

A palavra *intuere* (em latim significa ver de dentro ou ver por dentro) tem idêntico significado na palavra inglesa *insight* já incorporada ao cotidiano da língua portuguesa com o sentido de uma compreensão clara da natureza íntima de algo. É, pois, uma espécie de visão interna.

Intuição é o tema central de nosso propósito neste ensaio. Através da intuição, pretendemos demonstrá-la com relação ao homem em suas diferentes formas de manifestações. Faremos uma busca em dois autores como fundamento de sua caracterização técnico teórica e forma de usá-la. São eles: Eric Berne e Baptista Mondim. No campo da A.T ela tem sido objeto de uso contínuo nos estudos e na aplicação, que nos ocuparemos doravante com a teoria de seu criador Eric Berne. Baptista Mondim, que trabalha com a Antropologia Filosófica – com as dimensões social/política e cultural, serve-nos com brilhante estudo de como é o homem e como este funciona em suas diferentes dimensões, nos proporcionando os meios de definir o caminho de como chegar a ele, através da intuição.

Considerando a importância creditada a este conceito – intuição - tanto como ferramenta para a prática psicológica quanto para a Antropologia Filosófica, o objetivo deste ensaio é explorar teoricamente a questão da intuição para a Análise Transacional – A.T - com as contribuições da Antropologia Filosófica.

A escolha por trabalhar com estas correntes teóricas se dá por encontrar uma relativa coerência nas questões da busca comportamental e na estrutura de sua manifestação. Para alcançar o objetivo proposto, de exploração teórica da questão da intuição, começaremos apresentando a intuição tal como trabalhada pela A.T. Em seguida, apresentaremos o estudo das dimensões social/política e cultural, apresentadas pela Antropologia Filosófica de Mondim.

A intuição tem sido tema de interesse de diversas áreas do conhecimento, ao longo do tempo. Nela, pretendemos alcançar um grande apoio dentro destes dois autores, como ferramenta de compreensão e facilitação nas transações entre pessoas. Inicialmente, falaremos através de Berne, como este a utilizou para alcançar importantes respostas em suas pesquisas e o que o levou a legitimá-la. Depois, utilizaremos da obra de Mondim, com seu estudo antropológico, através do qual faz um estudo via método fenomenológico/experimental do homem e como ele funciona.

Junto a estas duas formas de apresentar o homem, buscamos ressaltar em meio a tudo a intuição como ferramenta fundamental em sua indispensável função instrumental como meio de auxílio ao homem em suas diferentes formas de se manifestar no mundo. Portanto, a finalidade última deste trabalho é – Intuição e Análise Transacional no Homem.

### **Análise Transacional e a Intuição**

A Análise Transacional foi elaborada pelo canadense Eric Berne (1910-1970), médico psiquiatra que estudou a psicanálise. Iniciou seus estudos sobre intuição em 1949 e a Análise Transacional a partir de 1958. De acordo com Berne (1961), a Análise Transacional é uma teoria da personalidade, com enfoque na psicologia humanística,

uma psicologia individual e social. É também uma filosofia de vida, uma tomada de posição quanto ao ser humano, e um conjunto de técnicas de mudanças positivas, por isso é considerada uma teoria de conduta individual e social.

A Análise Transacional também se mostra simples, igualitária, integrável, preventiva, eficaz, diagramável, objetiva, preditiva e simples utilizando um modelo de aprendizagem (CREMA, 1977). Engloba quatro áreas do ser humano: Razão, Emoção, Comportamento e Corpo. Trabalha através de dez conceitos, que são: Estados de Ego, Transações, Carícias, Estruturação Social do Tempo, Emoções, Posição Existencial, Jogos Psicológicos, *Script*, *Miniscript* e Dinâmica de Grupo.

O conceito dos Estados de Ego nos auxiliará neste trabalho sobre Intuição. De acordo com Berne, Estados de Ego são conjuntos de comportamentos, pensamentos e sentimentos coerentes com um determinado estado, sendo partes de nossa personalidade (BERNE, 1961). São eles: O Estado de Ego Pai, o Adulto e a Criança (BERNE, 1961). De acordo com Berne (1961), estes são pessoas **reais** que existem agora ou que existiram no passado, que tem nome legal e identidade civil, portanto não são conceitos abstratos, mas realidades.

O Estado de Ego Pai abrange as condutas incorporadas a partir de fontes externas: pais, tios, avós, cultura etc. Estão diretamente ligados aos conceitos aprendidos da vida.

O Estado do Ego Adulto abrange condutas para com a realidade presente. Lida com o presente no “aqui e agora” e com a realidade. São conceitos pensados da vida.

O Estado do Ego Criança abrange os impulsos, bem como as experiências da criança que cada um foi um dia. Estão ligados aos conceitos sentidos da vida. Em suas palavras:

“Um estado do ego pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito e operacionalmente como um conjunto de padrões coerentes de comportamento; ou, ainda, do ponto de vista pragmático, como um sistema de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamento afins”. (BERNE, 1961, p.17).

No Estado de Ego Criança, encontra-se a Criança Livre que é tida por ele como uma criança autônoma. Também temos uma parte de nossa personalidade denominada Pequeno Professor que é nossa parte da personalidade instalada em nosso Estado de Ego Criança. É nele que reside nossa maior criatividade, nossa curiosidade, nossa empatia, astúcia e vivacidade. É nele que, teoricamente, dissemos que o nosso Adulto da Criança está instalado, ou seja, um Adulto baseado em emoções e não em razão. Berne nos diz que é no Pequeno Professor que mora nossa célebre intuição.

Com relação ao conhecimento acerca da intuição, a principal produção de Berne sobre este assunto, está reunida em um livro de 2008 – Intuição e Estados de Ego. Em seus estudos sobre intuição, definiu-a como sendo um “(...) processo diagnóstico espontâneo cujos produtos finais vêm espontaneamente à consciência caso as resistências tenham sido suspensas” (p. 84). Após 17 anos de estudo e pesquisa sobre a intuição, entre 1945 e 1962, ele publicou seis ensaios sobre a teoria e a dinâmica deste

instigante fenômeno. Observando aproximadamente 25 mil soldados, Berne se viu em situação curiosa diante de surpreendente índice de acertos por tentativa de adivinhar quais seriam as prováveis respostas que dariam às duas perguntas que formulava, a cada um deles. Perguntava-lhe: Você é nervoso? Você já esteve num psiquiatra? Intrigava-lhe, como era capaz de adivinhar algo sem ser capaz de explicar como tinha chegado a tais conclusões.

Disse ainda que a intuição é um tipo de conhecimento baseado na experiência e adquirido por meio de funções pré-conscientes ou inconscientes. Ele propôs que a intuição era facilitada por um estado de alerta e receptividade que requer uma concentração intensa e uma atenção direcionada para o objeto desta, que ele distinguiu do passivo estado de alerta usado por muitos psicoterapeutas. Berne também notou que esse despertar para a intuição podia ser melhorado com a prática, e que havia evidência de que a precisão aumentava com a experiência acumulada. Contudo, a quantidade de precisão da intuição, parecia alcançar um patamar depois que atingia um determinado nível. Percebeu que certas influências diminuem a intuição, tais como fadiga, alguns tipos de estímulos, e em situações de pressão em que o intuidor pudesse se encontrar. O mesmo recomendava que logo que se tornasse super confiante na sua capacidade de intuir, que era hora de descansar.

A intuição mais a dedução, para ele, formam a base para o pensamento criativo. Sendo assim, vale a pena enfatizar para a ocorrência enorme de situações do cotidiano em que a intuição pode e deve ser utilizada.

Também se notava o seu método de funcionar como uma combinação de adivinhação seguida de rigor científico, nas quais ele tabulava dados, descrevia seus achados, produzindo uma literatura científica. Esta combinação de brincadeira com atenção científica era característica de Berne.

O autor enfatizava que o intelecto não era o bastante para entender a vida, sendo particularmente crítico sobre o conceito comum de que para conhecer alguma coisa, o indivíduo deveria ser capaz de colocar em palavras o que ele conhecia, e como conhecia. Para ele, o verdadeiro conhecimento é saber como agir, e não como dizer ou falar as coisas. Berne nos diz que a intuição é uma manifestação de natureza universal no ser humano. Sem que a reconheçamos, ela está presente em nossas percepções. Na experiência diária aprendemos mais e tanto quanto dela mais consciência tivermos. Ainda coloca que, observada, verificaremos que ela é distinta da idéia de tempo assim como para a lógica em sua manifestação. Ela representa as forças intrapsíquicas do ser e a lógica oferece a coerência. A intuição e a lógica, ambas oferecem a base criadora do pensamento.

Berne dirige, também, a sua pesquisa para aspectos não-verbais do comportamento humano que, ao revelarem pensamentos e intenções, se tornam bem mais verdadeiros do que as palavras, que podem adulterar ou esconder muitos outros aspectos significativos. Observava a expressão não verbal e o comportamento dos pacientes, como movimentos não manifestos e/ou não intencionais, músculos da face, tônus muscular.

Fala sobre a Comunicação Manifesta que está relacionada com **o que** se quer comunicar, o óbvio da mensagem, isto é, a informação que o comunicador quer

comunicar e sobre a Comunicação Latente que nos informa sobre o **como**, a atitude, o significado por baixo do óbvio, ou seja, a realidade psicológica por detrás da comunicação manifesta. Para ele, as comunicações não intencionais – ruídos – tem mais valor que as intencionais.

Nos diz que, filogeneticamente, a intuição precede o conhecimento e a comunicação verbal e parece estar relacionada com processos cognitivos dos animais primários.

Berne afirma, ainda, que todo indivíduo normal é capaz de fazer diagnóstico por inspeção, que os processos diagnósticos são pré-verbais e ocorrem abaixo do nível da consciência. Sugere que olhemos atentamente para a pessoa, por mais ou menos 30 segundos e nossos sentidos nos dirão algo sobre aquele ser. Assim, em nosso cotidiano, podemos fazer uso deste rápido e diretivo método de observação, aumentando ao longo do tempo, significativamente, nossos índices de intuição.

A intuição, em si, é um processo diagnóstico espontâneo cujo produto final invade a consciência se as resistências forem suspensas. Berne (2008) garante ainda que o diagnóstico feito por terapeutas experientes tem como base configurações abaixo do nível da consciência que nem sempre podem ser justificados com lógica. É por esta capacidade intuitiva que um terapeuta jamais poderá ser substituído pelos mais aperfeiçoados dos computadores da última geração. Obviamente, as impressões diagnósticas advindas do processo intuitivo devem ser enviadas ao seu ente da razão - Ego Adulto - para serem arrumadas dentro de uma moldura lógica.

Enfim, Berne (2008) qualifica que somente o intelecto não é capaz de entender a vida, o verdadeiro conhecimento está em como agir e não apenas em conhecer palavras, pois para isso existe um método científico o que oferece mais certeza, porém, para a intuição oferece mais possibilidades.

Berne (2008) nos fala sobre a imagem primal e a classifica como a primeira impressão que se pode ter a respeito de outra pessoa. Sobre a "imagem primordial", importante no processo intuitivo, define-a como uma imagem inicial intuitiva que uma pessoa é capaz de captar sobre outra, capacidade essa que os normais reprimem ou justificam culturalmente. Nos diz que estas derivam de experiências e fantasias infantis que são ativadas seletivamente em respostas ao comportamento das pessoas que encontram. Originam-se na percepção que a criança tem de seus pais, numa fase muito precoce do desenvolvimento – imagens olfativas e gustativas fazem parte deste grupo.

Para ele isto dará origem à imagem do ego. As imagens do ego ajudam o terapeuta a distinguir claramente entre o funcionamento do ego arcaico e do ego maduro - Criança e Adulto.

O julgamento primal, segundo ele, está ligado à percepção arcaica, não objetiva, de natureza emocional, vinculado às experiências de infância. A origem do julgamento não é clara. É o julgamento da criança pequena, do bebê que são feitos através da comunicação latente, interior. Pode-se dizer que, as pessoas têm um estoque de imagens primais baseadas em experiências que são relíquias arcaicas da infância. Que essas imagens conscientes ou inconscientes, são ativadas nas relações interpessoais e estão relacionadas à formação e julgamentos básicos das pessoas com quem se tem contato e

que algumas formas de intuição são derivadas de julgamentos primais, baseados em imagens primais.

Quando fazemos o paralelo entre Intuição e Estados de Ego, Berne (2008) nos mostra que a existência deste tipo especial de saber emana do Ego mais arcaico, denominado por ele, Criança Livre ou Natural, a partir de um setor diferenciado que ele comparou a um Pequeno Professor, onde nasce este tipo peculiar de sensação de pensamento.

Todos exibimos este processo mental que mora entre um pensamento e outro, denominado intuição - que traduz um saber que antecede ao raciocínio lógico. Para ele, trata-se de processo interior no qual a pessoa passa a saber algo mediante uma percepção direta, sem a interferência evidente do pensamento racional. Esta faculdade intuitiva transcende a razão - leva a pessoa a atingir um conhecimento sem que possa saber como é que sabe.

Curiosamente, Berne (2008) também pôde constatar ao fazer tentativa de se basear em dados lógicos e não mais na intuição que o número de acertos caiu significativamente.

De acordo com a A.T, somos levados pelos estímulos do meio a ter os primeiros contatos com a intuição, já que nossa estrutura do Estado de Ego Criança está em plena atuação, assim como nosso Pequeno Professor, essa parte responsável por ela, como já foi dito. Somando-se a isso, a nossa própria característica, percebemos que dentro do mundo da criança, principalmente na primeira infância, um fluxo de informações lhe é bombardeada, levando-a por um caminho, que via de regra, não lhe é dado escolher por limitações temporais cognitivas. A velocidade com que o fluxo de informações lhe chega, faz com que a criança, sem opção de escolha consciente e racional do seu caminho, siga intuitivamente o que lhe é sugerido, sendo levada a conhecer mais da natureza humana por determinação imposta do que por livre escolha. Esta é a forma com que Berne nos fala sobre as mensagens parentais, recebidas desde nossa gestação, como eletrodos, gravando-se indiscriminadamente em nosso ser.

Segundo Berne (2008), estas imagens primais, que estão diretamente ligadas a processos internos muito precoces, caracterizados pela forma com a qual a criança se sente afetada, se confundem, muitas vezes, com as imagens intrapessoais que saem de nós, confundindo-nos na questão das crenças sobre nós mesmos. Estas crenças são adquiridas por injunções nas relações parentais. Injunções, de acordo com ele, são as proibições recebidas através de um comando negativo de uma figura parental. (BERNE, 1988). Este todo possibilita a contaminação do agente causal da intuição.

Do ponto de vista emocional, a criança traz consigo decisões inconscientes que a "induzem" a repetições de crenças limitadoras, inibindo, assim, sua capacidade de intuir no exercício de sua própria vida. Berne toma este ponto de vista em sua teoria como Script de Vida que é "Um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com uma alternativa escolhida" (BERNE, 1988, p.356).

Podemos dizer, baseados na A.T, que a intuição, localizada em nosso Estado de Ego Criança, fica condicionada a todas estas influências que recebemos desde tenra idade.

Berne nos impulsiona na busca de nossa autonomia, que está ligada, de acordo com ele, à conquista da consciência, da intimidade e da espontaneidade.

Como se pode observar, Berne não tem a preocupação sistemática em pensar um caminho para que a intuição torne-se uma possibilidade de atuação sobre o homem no mundo. Sendo assim, Mondim é um autor que poderá contribuir com esta reflexão que é a de buscar o ser do homem, fazendo um amplo estudo sobre a caracterização deste através das dimensões social/política e cultural. Através dele caminharemos na direção de como é o homem.

### **Dimensões Social/Política e Cultural: O Caminho para a Intuição como Ferramenta**

As dimensões Social/Política e Cultural estão inseridas na Antropologia Filosófica que nos fala da natureza do homem. Mondim é filósofo contemporâneo e sua obra tem importante contribuição para a área da Filosofia. Este autor faz seu trabalho baseado na investigação de diferentes filósofos, tais como, Marxismo, Agostinho, Aristóteles, Platão, Descartes, Heidegger, Sartre, Freud, Rousseau e outros. O estudo da antropologia filosófica feito por Mondim nos dá proximidade do que é intuição e nos clareia com relativa significância o caminho para a construção do que esta vem a ser.

Ele se refere ao subjetivo e ao objetivo, como sendo a forma de trazer o homem para fora dele, isto é, tirá-lo de dentro para fora a fim de que este possa se revelar. Já para Berne, o que é relevante é ver como o homem se manifesta e não caracterizá-lo. Mondim (1980) afirma que, entre o subjetivo e o objetivo podemos nos esconder através do próprio ponto, utilizando máscaras, representando papéis que não são nossos e podendo manifestar e também ocultar nossas próprias idéias e intenções. Segundo este autor, utilizamos das máscaras que nos ocultam até frente às questões de nossa própria identidade, donde a incapacidade de revezarmos entre o subjetivo e o objetivo compromete a harmonia de nossa condição humana, podendo inclusive afetar nossa personalidade. Desta forma, Mondim conclui que estas máscaras nos impedem de exercer de forma ampla nossa intuição. Berne concorda com isto, mas também quer saber como é esta máscara. Por outro lado, Mondim (1980) considera que nossa capacidade nos coloca frente a um conjunto de possibilidades, baseado em nossos próprios recursos internos, que depende de nós mesmos os acionarmos e fazermos uso deles, o que é considerado também por Berne.

Utilizaremos sua obra, *O Homem, Quem é ele?*, para discorrermos sobre as várias dimensões da natureza humana. São elas as dimensões social e política e a cultural.

Segundo Mondim, o homem é o único ser que tem consciência de si, pois se percebe no outro como semelhante – um ser racional. Relata que o que nos faz Ser humanos são todas estas dimensões, que começam a ser definidas em tenra idade. Berne nos fala sobre a formação das crianças através das diversas mensagens parentais que são por elas recebidas, construindo assim, a sua personalidade.

Para Mondim, o homem é essencialmente **social**. Sozinho, não pode crescer, não pode se educar, sendo sua marca de chegada ao mundo, a dependência. Por isso, diz ele, desde a sua chegada na Terra, encontramos o homem colocado em grupos sociais.

Percebe-se que a sociabilidade é algo inerente nele, para que possa viver junto. Desta forma, Mondim escreve-nos que a participação das experiências do outro e dos próprios desejos, nos leva à troca de emoções via convivência, desfrutando dos mesmos meios. Esta convivência social é fundamental para que a criança se sinta pertencente, percebendo-se que, pelos estímulos do meio ao qual é submetida, ela aprende a repetir um modelo forjado pelas bases familiares/sociais, tornando sua inferência pessoal bastante reduzida, ficando contida a estes modelos e às fronteiras do seu entendimento. O autor nos diz o quanto, mesmo sendo desta maneira, é importante, fundamental e impossível sermos livres do social.

De acordo com o olhar de Mondim, a **sociabilidade** e a **politicidade** são ingredientes do mesmo fenômeno – o homem elementarmente é social e, por isso, tem necessidade do contato com o semelhante. Esta interação possibilita a formação de sua identidade individual e coletiva. Para Berne, nestes momentos o Estado de Ego Adulto poderá ser fortalecido. Como nos mostra o autor Mondim, em toda ação do homem, por menor que seja, podemos considerá-la como derivada de uma ação social. Mondim (1980), citando Aristóteles, “(...) o estado é uma criatura da natureza e que o homem é, por natureza, um animal político. E aquele que, por natureza e não apenas acidentalmente não tem estado, é superior ou inferior ao homem.” (p.157).

O autor, com esta fala de Aristóteles, nos remete à percepção de que o homem é inferior porque não tem a autonomia do animal irracional, de ir e vir, e tornar-se-ia superior se pudesse viver sem a presença do estado organizando sua realidade, o que não seria possível. O homem sabe que é menor do que pode e não pode ser o que deve ser, porque entre o que está posto e a sua interioridade, ele tem a intuição de que lá, na intimidade, há algo a ser conhecido. Aqui, nota-se na visão de Berne, que a intuição é uma ferramenta de auxílio importante, onde o Pequeno Professor estará atuante.

Diante de tudo isso, podemos encadear com a linha de pensamento de Mondim, no que diz respeito às crianças e a influência social e política em sua formação. A criança estabelece desde muito cedo a relação de consciência do poder e o exercício das trocas, criando para si mesma uma autoimagem por transferência daqueles que a educam, fazendo-lhe limitações de comportamento. Desta forma, é ensinada a construir a realidade.

Sob o olhar do autor, a criança aprende a olhar as relações sob uma visão fenomenológica e mística, subordinada a valores gerais, provocando um baixo nível de demandas transformadoras. Isto revela o sentido da evolução cultural de forma também ritualizada, na verdade, forma-se a cultura a partir da vontade, da liberdade, da linguagem e do trabalho, sendo a intuição, um instrumento importante para que se interroge a cultura sobre suas múltiplas práticas como, a ciência, a filosofia, a técnica, a arte, a religião, a política, a sociologia etc. Sob estes parâmetros é que Berne nos mostra a formação do Estado de Ego Pai, possibilitando suporte à criança, dando-lhe referência social. Nesse sentido, Mondim reafirma que a intuição, novamente, tem o papel de revelar o ser do homem, ajudando a pessoa a especular e na especulação ele pode transcender e na transcendência ele se revela.

A **cultura** para Mondim é um fenômeno de complexidade a ser definida em um agrupamento de três aspectos: origem, forma e finalidade. A origem é de natureza

humana e social. De acordo com o autor, humana porque é produto da nossa criação, sendo possível distingui-la da natureza, por causa da ação de intervenção do próprio homem. Em sua obra exemplifica: um rio possui seu curso natural. Quando da intervenção do homem na natureza, este pode construir um canal. Sendo assim, nota-se que uma pessoa pode interferir com sua obra em um grupo, levando-o para a ação social. Quanto à forma, Mondim nos diz que esta é derivada da natureza criativa e sensível do homem.

Já, quanto à finalidade, esta pode ser vista sob alguns caminhos. Na visão de alguns a finalidade da cultura é religiosa, enquanto se pensa seu fim em Deus; é naturalista quando dela se serve com finalidade de conquistar e dominar a natureza. Todavia, de acordo com o autor, não se é adequado conceber a cultura numa visão materialista, já que em sua forma de realização, esta nos proporciona conquistas além do material, conquistas de natureza sensível como as artes de viver.

Portanto, entendendo Mondim, a cultura é uma pista importantíssima para descobrir o ser do homem, além de que ele é um ser de dupla dimensão: uma física e a outra espiritual. Por isso, é que se torna dinâmico, histórico, social e criativo.

Auscultando a obra deste autor - *O Homem, Quem é ele?*, fica esclarecido que o lado cultural do homem revela o adulto refletido como fruto de um todo em que está inserido e, sendo assim, a cultura tem papel relevante na formação e na educação dos sentidos para realizar a sobrevivência do homem.

Mondim inclui na dimensão cultural o ponto de vista histórico. Desta visão, a criança constrói a sua identidade, refletida e baseada também, em seus ancestrais. Esta forma com que constitui esta identidade pode ser bastante limitadora, pois é baseada em uma cultura própria, recheada de informações ritualizadas, mas, sem sombra de dúvida, diante do olhar do referido autor, importantíssimas.

Na visão antropológica, que também está inserida na cultural, Mondim nos mostra que criança vai conviver conhecendo-se através do modelo étnico a que cada comunidade se constituiu e irá construir sua própria identidade, gerando assim, sua alteridade e seus primeiros passos. Ele nos aponta que a nossa entrada no mundo nos coloca claramente em desvantagem quanto aos outros animais, pois levamos por volta de 10 a 12 meses para nos parecermos com um quadrúpede que, em média, aos 30 minutos de vida já consegue se erguer, se manifestar na amamentação e até caminhar seguindo sua genitora, e se caso fôssemos largados a mercê do mundo, facilmente perceberíamos nossa total dependência do ponto de vista biológico/fisiológico. A partir daí, de acordo com o autor, começa-se a desenvolver alguma excentricidade em nosso ser, donde a intuição se prenuncia nos movimentos especulativo-experienciais levando a nos mover pela vontade através da intuição. Nota-se aí, a distinção entre o homem - racional e o animal - irracional, nós um ser étnico - antropológico. Neste contexto, a intuição se faz presente conectando nossos desejos com o limitado do possível e o conhecimento como elemento de satisfação coloca o homem numa sensação de fascínio pelo desconhecido, e isso, se observarmos bem, veremos ser uma instância pronunciada de sua natureza. Daí, este elemento inteligente parece ser a intuição.

Além de todos estes pontos de vista, Mondim ainda nos fala sobre o filosófico, em que o homem busca transcender para um mundo em que possa transformar a

realidade, gerando novos saberes e propiciando a intervenção prática no seu próprio contexto de realidade, considerando os estímulos do meio como fórmula orientadora de sua capacidade de refletir. Sobretudo, tem o poder de atuar sobre a sua natureza de origem, investigando de forma instigante quem somos, de onde viemos e para onde vamos.

Em sua obra, pode-se concluir que o meio tem papel preponderante na definição em nossa capacidade reflexiva e filosófica. Berne coloca o Estado de Ego Adulto como farol racional e através da energia canalizada deste Estado de Ego, podemos captar os estímulos e variadas fontes de informação, tornando-nos assertivos, analisando e podendo tomar decisões.

De acordo com Mondim, ontologicamente falando, todo o conhecimento de estrutura político, social, cultural, filosófico, antropológico e espiritual do homem, caracteriza-o como animal místico, sendo definindo como humano. “O homem, atingindo a si mesmo por si mesmo, revela a si mesmo a radical “dadidade” de si em toda a sua condição ontológica”. (MONDIM, 1980, p.104). Isto quer dizer - “dadidade” é algo que vem de fora, que vai se definindo na ação do tempo, caracterizando o ser na sua individualidade. O homem, como Mondim o aponta, é dotado de vontade única e peculiar que se manifesta de forma diretiva. Já Berne nos diz que o homem é uma unidade social com vontade e autonomia próprias.

A expressão espiritual é usada por Mondim dando-nos o direcionamento de que é aqui que podemos intuir a origem da intuição, onde o homem define-se como herdeiro de um conhecimento. Intuitivamente, sabe ser melhor do que tudo que lhe conhecido. Fascina-se de maneira embricada numa busca sem fim desta essência que parece escapar-lhe ao entendimento cada vez que se aproxima, instigando-o à especulação. De acordo com ele, dentro do estudo fenomenológico do homem, duas questões ficam claras: primeira – sua transcendência em relação a todos os outros seres, ele os supera pelo pensamento; segunda – sua transcendência em relação a si mesmo. Daí se deduz o pensamento intuitivo, porque nesta procura passa-se por todas as estruturas sob as quais o homem se orienta, que são: política, social e cultural, herdadas como modelo dos seus ancestrais, constituindo-se a forma lógica pessoal de procurar sua identidade.

Do ponto de vista da A.T, o homem é uma unidade social, que se subentende por todas as dimensões acima citadas – social/política e cultural, na linguagem da Antropologia Filosófica. Pode-se perceber uma sintonia harmônica entre a A.T, o homem e a sociabilidade, definindo-o por sua condição no mundo, através de uma definição progressiva de sua característica em sua formação.

Do ponto de vista da Antropologia Filosófica o homem é um animal a ser estudado, a ser observado em sua racionalidade e a ser descoberto.

Para Mondim, é preciso dar-nos conta de que, se a criança é o meio de manifestar a intuição e de observá-la por um olhar social/político, veremos que quando identificamos a história dela, haveremos de poder, em certa medida, termos uma amostra relativamente previsível, assim como fez Berne com os soldados.

Cada padrão cultural no qual se viveu é possível prever que tipos de cidadãos se afiguram no horizonte.

Portanto, levando em consideração todo o conteúdo acima descrito neste trabalho, podemos perceber que Berne atua no comportamento através da intuição e, para ele o fundamental a saber não é de onde ela vem e, sim como ela se apresenta e como pode ser como veículo para demonstrar o Ser do homem. Já Mondim, não tem esta preocupação, embora seu objeto de estudo seja o mesmo – o homem. Ele se utiliza do método fenomenológico/experimental para trazer à luz do entendimento as diferentes formas deste de se manifestar na história que pode ser resumida em duas: primeira – **o Ser do homem**, ou seja, sua forma de manifestar de acordo com as várias dimensões e a segunda - **o Ser no homem** procurando sua identidade ontológica. Aí está toda a dificuldade da trajetória do autor, assim como de outros vários da história, em definir o imponderável no homem. Isto ocorre porque segundo toda busca que se faz em defini-lo, esta nos escapa sempre para uma perspectiva do “Ser em Si para o Ser para si”. O homem não é um ser dado, é um constante vir a ser. Não está para uma definição como se pode contar meia dúzia de laranjas. Ele é um influxo de dentro para fora contínuo e, um dos instrumentos mais apropriados, de que temos notícia, para caracterizá-lo, é a intuição. Por isso, quando nos referimos à Mondim, sua Antropologia Filosófica é, sem sombra de dúvida, particularmente na obra citada, um agente auxiliar como mecanismo de compreensão para definir alguns pilares da natureza do homem, como ele é e como funciona. Nota-se que a intuição se sobressai deste caminho, ganhando importante relevo enquanto manifesta as formas de ser do homem, no comportamento humano.

Assim sendo, utilizamos de Mondim como caminho para chegar até ao comportamento do homem, e Berne como meio facilitador de seu comportamento. Mondim constrói o caminho para a intuição e Berne nos indica os meios de utilizá-la, ou seja, sua forma de aplicação.

### Considerações Finais

A visão do homem vista pela A.T nos mostra que Berne trabalha com o ser do homem, ou seja, com o seu comportamento, e o vê através do olhar do ser que a ele chega, via intuição, como influxo do ser em si. Nos fala da intuição como meio facilitador do comportamento sem ter uma preocupação mais sistemática em pensar esse caminho para que ela se torne uma possibilidade de atuação do homem no mundo. Sendo assim, um autor da Antropologia Filosófica que poderia contribuir com esta reflexão é Mondim. Este, com seus estudos do homem, compartimenta a natureza humana basicamente em três dimensões: social/política e cultural, com a finalidade de que uma vez o homem caracterizado, possa refletir em suas manifestações o ser do homem, facilmente caracterizado pela manifestação intuitiva.

O objeto da intuição como um ato *a priori* está inserido em todas as dimensões citadas e, por definição podemos dizer que ela será uma instância constante nas diferentes manifestações da vida humana e não tem relação com crenças e nem com cultura. Entretanto, a intuição sendo de uso geral e universal pelo homem, deverá doravante ser concebida como um agente qualificado pelos motivos e razões acima expostos, passíveis de crítica, mas não de sentido, ou seja, um método experimental/fenomenológico. Assim, o conhecimento intelectual da intuição deve ser considerado de natureza humana e não redutível aos sentidos e à imaginação, o que nos

leva à impossibilidade de explicar finalmente a sua origem. Portanto, a intuição foi sugerida como um veículo entre o intelecto e os sentidos e, também, como novas possibilidades no campo do saber, tendo papel preponderante em sua manifestação como instrumento de auxílio imediato nas intervenções das pequenas às grandes ações de nosso cotidiano. Desta maneira, fechamos esta discussão não com o intuito de alcançarmos nesta via uma conclusão, mas uma proposição reflexiva sobre este tema que permeia de forma tão instigante a vida de todas as pessoas que estão ligadas a procura de respostas constantes para soluções tão variadas.

*Intuição e Estados do Espírito Humano*, 1992, 122 p.

*O que está de fora da mente? São Paulo*, 1992, 122 p.

ALMEIDA, Roberto. *Metodologia da Análise Transacional*. 2ª edição. Petrópolis, RJ, 1997.

ALMEIDA, Roberto. *O Sistema, quem é ele? Exercícios de autoanálise*. Curitiba, Rio Paulo, 1998.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BERNE, Eric. **Análise Transacional em Psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1961.

\_\_\_\_\_ **Intuição e Estados de Ego**. Edição Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_ **O que você diz depois de dizer Olá?** São Paulo: Nobel, 1988.

CREMA, Roberto. **Manual de Análise Transacional**. Brasília: Teledata, 3 ed., 1977.

MONDIM, Baptista. **O Homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica**. São Paulo: Paulinas, 1980.